

**25 ANOS DA RECONVERSÃO DO VALE DO RUHR PELO IBA EMSCHER  
PARK: INICIATIVAS PIONEIRAS DE ECONOMIA CRIATIVA EM ESCALA  
REGIONAL**

Polise Moreira De Marchi <sup>1</sup>

Por mais de 150 anos chaminés, gasômetros, coqueiras e várias outras tipologias industriais testemunharam a história industrial da região do vale do Ruhr, na Alemanha. Antes da ocupação industrial, o Ruhr era composto por áreas pantanosas, vilas e pequenos povoados com menos de 500 habitantes.

A partir da metade do século XIX, a ocupação do vale da bacia do rio Ruhr, esteve relacionada à exploração do carvão - Schwarzen Gold -, que ocorreu, primeiramente, a sul do território, onde ele era praticamente encontrado na superfície, não exigindo grandes esforços tecnológicos para a sua exploração. A partir do momento em que as técnicas industriais de escavação e extração de carvão se aprimoraram, foi possível a exploração de novas áreas em que os recursos, qualitativamente melhores, eram encontrados mais profundamente no solo, principalmente ao longo do rio Emscher.

Deste modo, assim como em outras partes influenciadas e determinadas pela ocupação industrial, a formação do território do vale do Ruhr aconteceu, não por meio de ações de planejamento e sim, por motivos econômicos e decorrentes de iniciativas individualizadas.

---

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista, Doutora em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade de São Paulo (FAUUSP), professora, pesquisadora e coordenadora do Centro InovaCidades no Centro Universitário SENAC. Entre 2000 e 2001, foi agraciada com a bolsa de estudo "Exploring the Ruhr", subsidiada pelo Initiativkreis Ruhgebiet - uma iniciativa promovida por empresas alemãs para promover as transformações na região do vale do Ruhr e o intercâmbio entre pesquisadores internacionais.

Em 50 anos, a população passou de 780.000 habitantes (1874) para quatro milhões (1924) (BOSMA; HELLINGA 1997). Nesse período de grande explosão e expansão urbana, a paisagem da região se transformou em uma seqüência de chaminés e fornos, resultado da intensa competição pela ocupação territorial em que as companhias industriais viviam em um ritmo de ativa ocupação territorial.

Com o deslocamento da produção para norte do território, ou seja, do rio Ruhr para o rio Emscher, também se deslocou a população trabalhadora, intensificando a construção de habitações próximas aos assentamentos industriais e consolidando um processo de ocupação urbana baseado no policentrismo, uma vez que a grande mancha urbana se estendia de uma cidade a outra configurando o que muitos pesquisadores designaram como "mancha de óleo". Assim como aconteceu em outras regiões industriais, o território industrial do vale do Ruhr cresceu como uma grande periferia sem centro único. A falta de urbanidade foi a marca de sua expansão.

Em 1920, foi fundada a Siedlungsverband Ruhrkohlenbezirk - SVR, primeira organização responsável por planejamento espacial regional na Europa. Este fato foi marcante para a história do planejamento, uma vez que antecipava a discussão da organização e gestão das regiões metropolitanas, que seriam recorrentes a partir da segunda metade do século XX. Quando da sua fundação, a SVR contava com 17 cidades e 11 regiões, e cobria uma área de 3.840 Km<sup>2</sup> com população correspondente a 3.572.500 habitantes (BOSMA; HELLINGA 1997). A partir deste plano, o vale do Ruhr passou a ser reconhecido por "Distrito Carvoeiro do Ruhr".

Como seu primeiro diretor, Robert Schmidt propôs um plano de desenvolvimento regional tendo em vista a expansão das municipalidades, a preservação de áreas verdes existentes, a criação de áreas de lazer e de grandes espaços abertos, a construção de amplas estradas e um novo sistema de tráfego regional. Schmidt acreditava, assim como Ebenezer Howard, que a saúde física e mental do homem estava na natureza. Para Schmidt, a paisagem natural e a

indústria deveriam coexistir de maneira equilibrada.

Schmidt adotou um sistema de planejamento agrupando as cidades sob a forma de grid. Do mesmo modo que Cerdá, Schmidt enxergava no modelo de grid a racionalidade cartesiana fundamental para a organização do território, assim como sua eficiente aplicação em se tratando de futuras expansões. Ele propôs também que cada cidade desenvolvesse um plano próprio de estruturação econômica (Wirtschaftsplan) que depois seriam integrados em um grande plano de estratégia econômica para a região (Wirtschaftspläne), com a participação das cidades envolvidas.

Os planos de Schmidt não foram totalmente implementados nos anos de 1920, apesar disto, as idéias introduzidas nos primeiros anos da SVR serviram de modelo para o Plano de Desenvolvimento Regional de 1966, que reintroduziu o conceito dos corredores verdes, orientados norte-sul, para estruturar e separar as áreas industriais e de negócios no território carvoeiro. A racionalidade e a funcionalidade deste plano foram articuladas nos moldes do pensamento fordista de produção tendo em vista a rápida recuperação da região após os danos sofridos pelo período de guerra mundial.

O processo de declínio econômico da região iniciado em 1957, devido à concorrência de outros mercados de carvão, se agravou na década de 1980. Entre 1960 e 1980 houve uma redução de mais da metade dos empregos em minas: de 374.748 para 140.536, respectivamente (WEHLING, 1991, p.325).

O segundo estágio de crise no Ruhr se deu com a concorrência do mercado do aço, o que agravou ainda mais a crise do setor carvoeiro. De 1981 a 1987, várias minas foram fechadas e mais 22.317 postos de trabalhos foram perdidos (WEHLING, 1991, p.327).

Por mais de 100 anos, carvão e aço foram responsáveis pela economia e sobrevivência da região. A partir do momento em que a realidade industrial global

começou a alterar-se, a região do Ruhr também acompanhou este momento histórico, desindustrializando-se. Destarte, a partir da década de 1980, o Ruhr iniciou um processo de esvaziamento produtivo e de decadência social, ao lado de uma paisagem natural degradada, uma imagem fortemente comprometida e altas taxas de contaminação do solo, do ar e dos rios e canais, principalmente na região mais afetada pela industrialização: a zona do Emscher.

## Da economia Industrial à Criativa

A necessidade de um programa de intervenção em escala regional e com forte impacto para melhorar a imagem da região foi o requisito para que o Ruhr abrigasse a nova “Mostra Internacional da Construção” (Internationale Bauausstellung - IBA).

A agência de planejamento, IBA Emscher Park GmbH foi criada pelo governo do estado da Renânia do Norte-Vestfália com a missão de promover o desenvolvimento regional da região industrial do vale do Ruhr, por um período de dez anos. Pela primeira vez na história das mostras internacionais da construção, uma região foi o cenário de intervenção. Esta agência operou com a estreita colaboração do Ministério do Meio Ambiente, Planejamento Espacial e Agricultura da Renânia do Norte Vestfália e com a Companhia de Desenvolvimento do Estado - LEG (Landesentwicklungsgesellschaft). A agência ainda contou com recursos financeiros da União Europeia, através de programas de subvenção a áreas urbanas em crise social, decorrentes do processo de desindustrialização.

A parceria público-privado também foi fundamental para o desenvolvimento dos projetos, pois embora várias áreas industriais tenham sido adquiridas pela LEG, era grande o número de propriedades particulares, principalmente aquelas pertencentes à empresa de exploração carvoeira.

O cenário de declínio econômico fez com que as empresas privadas se mobilizassem em estimular, pressionar e incentivar mudanças na região. Uma

dessas iniciativas foi a criação, em 1990, do Initiativkreis Ruhrgebiet, responsável por articular programas culturais, educacionais e empresariais para o Ruhr.

O IBA Emscher Park foi constituído como uma oficina para a renovação não de uma cidade específica, mas de uma antiga região industrial composta por 17 cidades. A área delimitada para as intervenções correspondeu à zona do rio Emscher, compreendendo as cidades entre Duisburg e Bergkamen, num total de 800 km<sup>2</sup>.

Apesar da realidade de grave crise econômica, com índices de desemprego atingindo a taxa dos 20%, a zona do Emscher apresentava um grande potencial de desenvolvimento. Entre os aspectos mais relevantes estavam: a condição geográfica central em relação a Europa; a possibilidade de crescimento de um grande novo mercado com a abertura da Europa Oriental; o fato da região do Emscher abrigar um grande contingente populacional, proveniente de diferentes culturas; e, ainda, o elevado potencial para a ocupação e Re-uso de extensas áreas desocupadas, antes pertencentes à indústria carvoeira.

O clima de desolação e a falta de perspectiva tornaram-se pontos importantes a serem combatidos. A mudança desta imagem, o desafio de projeto.

O capital inicial investido foi da ordem de 35 milhões de marcos alemães. A administração do IBA Emscher Park contou com uma equipe de aproximadamente 30 profissionais - liderados pelo geógrafo Karl Ganser -, combinando a tradicional "Mostra de Construção", no sentido arquitetônico, com o suporte político, econômico e administrativo de entidades públicas.

A defesa dos espaços abertos foi retomada por meio de conceito de cinturões verdes, desenvolvido anteriormente, em 1920, por Robert Schmidt. Estes elementos foram novamente considerados ordenadores do espaço, mas desta vez, articulados por um corredor verde leste-oeste de 70 km de comprimento e 15 km de largura, ao longo da zona do Emscher. O Parque da Paisagem Emscher (Emscher

Landschaftpark) foi o elemento estrutural e simbólico para a regeneração do vale do Ruhr.

O memorial oficial dos trabalhos da agência IBA Emscher Park, assinado em 1989, previu um prazo de dez anos de atividades baseadas em sete linhas mestras de intervenção:

1. Regeneração e redesenho da paisagem ao longo da zona do Emscher;
2. Reabilitação do rio Emscher e seus afluentes, partindo de Duisburg a Bergkamen;
3. Canal Rêno-Herne como espaço de vivência;
4. Conservação de edifícios industriais através do redesenho de seus espaços e funções, propiciando a manutenção da identidade industrial através de uma nova imagem, baseada em seu patrimônio cultural;
5. Criação de um espaço de alta qualidade voltado para a instalação de novas empresas e escritórios, materializando o conceito de trabalhar no parque;
6. Novas formas de morar e a habitação como elemento propulsor da requalificação urbana;
7. Novas ofertas para as atividades sociais e culturais, tendo em vista a necessidade de qualificar os espaços de lazer, devido ao aumento do tempo livre, decorrente da redução da jornada de trabalho e dos novos modos de produção que introduzem novos estilos de vida.



**Figura 1 - Parque Emscher. fonte: IBA Emscher Park GmbH**

Na concepção do IBA Emscher Park, os planos gerais foram substituídos pela administração de projetos isolados com o objetivo de dinamizar a região, respeitando as diferenças entre as cidades. Aproximadamente 100 projetos foram desenvolvidos e implantados em uma faixa formada por 17 cidades - Duisburg, Oberhausen, Mülheim, Bottrop, Essen, Gladbeck, Bochum, Gelsenkirchen, Recklinghausen, Herne, Herten, Castrop-Rauxel, Waltrop, Lünen, Dortmund, Kamen e Berkamen - envolvendo um total de dois milhões de habitantes.

O IBA Emscher Park defendeu o conceito de "cultura da arquitetura" (Baukultur), pelo qual o edifício e o projeto do lugar foram os componentes críticos para a regeneração social, econômica e ambiental. "Através da qualidade arquitetônica determinada caso a caso, baseada e moderada por uma autoridade qualificada, permite-se o planejamento urbano de baixo para cima" (GANSER, 1990) Assim, como em outras iniciativas internacionais de intervenção em áreas industriais, no Emscher também prevaleceu o conceito de intervenção na "cidade existente".

Em vez de serem desenvolvidas áreas periféricas que reforçassem o caráter de dispersão, Ganser defendeu o redesenho e o adensamento das áreas centrais mais atingidas pela industrialização. Paralelamente, foi criado um conceito cultural

de inovação responsável por construir as metáforas da nova imagem da região: “uma nova região fundamentada em uma nova cultura” e “sustentabilidade urbana sem danos ecológicos” (IBA, 1999).

A oficina de reconversão do território industrial também organizou e financiou concursos interdisciplinares e concorrências internacionais para a materialização desta transformação da imagem da região. Agindo desta forma, o IBA Emscher Park procurou aproximar o antigo território industrial ao que havia de mais atual tanto em desenho urbano, quanto em projetos arquitetônicos assinados por arquitetos internacionalmente reconhecidos. Incorporar idéias e soluções internacionais para as necessidades locais foi uma das estratégias encontradas para trazer notoriedade para a região no contexto global da economia criativa.

Projetos como o “museu do design” de Norman Foster, nas antigas instalações da Mina Zollverein, em Essen; o museu de arte alemã, na antiga sede do moinho Küppersmühle, em Duisburg, autoria de Herzog e Meuron; e, o marco da paisagem, slag ingot for the Ruhrgebiet de Richard Serra, no monte Schurenbach, em Essen, são exemplos desta estratégia.

Para que a metáfora de uma nova região pudesse ter credibilidade em sua interpretação, foi estimulado o conceito de lugar de uso e experiência (Erlebnissräume), um contraponto à herança produtiva industrial de pouca fruição espacial. Para que isto fosse possível, foi necessário tratar em bases ecológicas, o elemento símbolo do processo de degeneração industrial. Por décadas, o rio Emscher significou a degradação ambiental de toda a região do Ruhr, através de sua cor, de seu cheiro e de sua condição “não natural”.

O projeto do Parque da Paisagem do Emscher combinou natureza e patrimônio industrial, em escala regional, através de uma área de 300 km<sup>2</sup> e envolveu diferentes escalas de espaços livres: desde corredores verdes aos parques locais.

A conexão entre estas diferentes escalas de espaços livres foi obtida por meio de criação de trilhas peatonais, ciclovias regionais, do rio Emscher, do Canal Rhein-Herne e do eixo ferroviário Köln-Mindener, além das convencionais ruas e estradas que cruzavam os setes cinturões verdes, permitindo o uso e a experimentação deste novo cenário.

Na busca por melhorar as condições econômicas reais e potenciais da região tendo em vista criar espacialidades atraentes para as novas economias, foi incentivada a criação de espaços que abrigassem os novos conceitos relacionados à economia criativa e de inovação. O conceito "trabalhar no parque" (Arbeiten im Park) foi desenvolvido baseado em modelos espaciais que integravam a concepção de parques tecnológicos e científicos, centros comerciais e de escritórios, novas indústrias baseadas em tecnologias limpas e centros de pesquisas. Além dos parques científicos, foi incentivada também a criação de centros de design; de artes e de cultura, em geral, e também de produção audiovisual, como estúdios de TV e cinema. Áreas pertencentes ao setor da indústria criativa.

A paisagem natural do Ruhr sempre se caracterizou pela homogeneidade plana em toda sua extensão. Com o passar dos anos, esta topografia foi alterada pelos montes de detritos constituídos a partir do acúmulo e depósito de material extraído na exploração das minas que, a partir de então, passaram a delinear não só uma nova topografia, mas uma paisagem marcante.

Para o IBA Emscher Park, as montanhas de detritos, algumas atingindo 65 metros de altura e áreas equivalentes a três hectares, foram entendidas não somente como novas formas artificiais de relevo, produtos da natureza industrial, mas potenciais land arts, servindo de inspiração e suporte para projetos artísticos (GANSER, 2000, p. 20).

Os land arts, a paisagem transformada em obra de arte e os landmarks, a arte criando pontos de referência na paisagem, integraram o repertório das novas

visualidades para o Ruhr. Entre as obras de maior destaque estão o slag ingot for the Ruhrgebiet, de Richard Serra e o Tetraeder em Bottrop, que se tornou símbolo do novo estágio da cidade e estimulou a implantação da segunda maior estação de ski indoor do mundo, Alpin Center, e do parque de diversões da Warner Bros., que visou competir com a Disneyland Paris, em 1996.

Além das montanhas de detritos e do novo edifício do Parque Científico Rheinelbe, construções industriais também foram transformadas em marcos redesenhados da paisagem, entre eles o gasômetro de Oberhausen e a coqueria Zollverein, em Essen. Esta última, considerada patrimônio histórico moderno da humanidade, pela UNESCO.

A preocupação com o patrimônio industrial fez da experiência do IBA Emscher Park um exemplo de valorização e reutilização da herança industrial inserida em projetos urbanos que, se de um lado trabalharam com os conceitos da "cidade existente" e "em partes", também buscaram alterar a imagem de decadência tirando proveito daquilo que era a sua qualidade única: o patrimônio industrial. O ambiente hostil à inovação e à implantação de novas economias voltadas a um ambiente criativo e de alta qualificação profissional, a falta de qualidades urbanas e paisagísticas e ainda, a falta de uma cultura urbana de fruição, lazer, diversão e arte, fez com que o IBA Emscher Park buscasse reverter este quadro por meio de um desenho urbano "criativo" e diferenciado.

Para que a nova imagem da região pudesse ser divulgada e apropriada pela opinião pública local, nacional e internacional foram desenvolvidas, em paralelo às ações do IBA Emscher Park, campanhas publicitárias, atividades culturais e de turismo urbano industrial. Todas estas iniciativas buscaram consolidar a economia criativa na região.

Em 1997, o Ministério da Economia da Renânia do Norte Vestfália estabeleceu um plano diretor estimulando o turismo - Masterplan für Reise ins Revier - MWMTV, 1997. Por meio deste plano, o turismo na região do Ruhr foi considerado uma

ferramenta importante dentro do processo das mudanças estruturais: “turismo promovendo um sistema regional integrado, despertando o interesse em relação à região”.

O ponto central foi a identidade industrial do Ruhr, considerada única pelo plano. Seguindo estes princípios, foram criadas a rota da cultura industrial (Route der Industriekultur); a rota da natureza industrial (Route der Industrienatur)-valorizando os diversos parques que conformam o parque da paisagem do Emscher -, e a rota dos marcos artísticos da paisagem industrial (Route der Landmarken-Kunst).

A organização de festas e celebrações da memória local fez parte das estratégias para demonstrar o sucesso dos projetos, convidando e convencendo a população sobre o uso dos novos lugares construídos nos espaços antes industriais. Durante o último ano da Mostra Internacional, em 1999, o IBA Emscher Park promoveu exposições e atividades festivas em diversos espaços emblemáticos, procurando popularizar a nova ocupação criativa destes lugares.

A cultura aplicada à paisagem industrial redesenhada mostrou-se uma ferramenta reveladora para atingir a tão almejada mudança de imagem do território do Ruhr.

O projeto de reconversão do território industrial do vale Ruhr dialogou com os métodos de planejamento empresarial, em que a flexibilidade das ações de planejamento urbano refletiu de um lado as necessidades de integração ao mercado global e, de outro, a visão política regional de assumir uma posição pró-ativa em parceria com a iniciativa privada na reestruturação do território. Assim, desenho urbano; projetos emblemáticos de arquitetura; criação de visualidades artísticas; rotas turísticas e ações de marketing foram os responsáveis pela construção de uma nova imagem mediada pela metáfora da sustentabilidade ambiental e da cultura industrial.

Após o encerramento das atividades do IBA Emscher Park, foi criado o escritório Projeto Ruhr (Projekt Ruhr) com a missão de dar continuidade às transformações iniciadas. Em alguns anos, o "Projeto Ruhr" recebeu a designação de "Negócios Ruhr Metrópole" (Wirtschaftsförderung Metropol Ruhr) fortalecendo as iniciativas voltadas à economia criativa.

O legado deixado pelo IBA Emscher Park se consagrou com a escolha da região do Ruhr, em 2010, como capital cultural europeia. Durante este ano, o Ruhr sediou várias atividades culturais e artísticas que, definitivamente, consolidaram sua condição de região reconhecida criativa e inovadora.

Há 25 anos, o IBA Emscher Park se mostrou pioneiro nas ações voltadas à economia criativa em escala regional. Ainda hoje é uma das maiores referências no campo da reconversão econômica territorial, agregando identidade local e patrimônio cultural ao desenvolvimento urbano e econômico.

## **Referências Bibliográficas**

BOSMA, K. & HELLINGA, H. (Org.) Mastering the City I /II. Rotterdam: NAI, 1997.

GANSER, Karl. PROJET URBAIN 21 L'IBA Emscher Park: Un anti modele. Paris: Ministère de l'Équipement, des Transports et du Logement. Sep 2000.

IBA Emscher Park (Org). IBA' 99 Finale - Cataloge, Gelsenkirchen IBA1999

WEHLING, H.-W.: The crisis of the Ruhr: causes, phases and socioeconomic effects. - In: Jones, P./T.Wild (eds.), Deindustrialisation and new industrialisation in Britain and Germany. London, 1991, pp. 325-344.